

ALIMENTAÇÃO E RELIGIOSIDADE: OS ESPAÇOS OCUPADOS PELA ALIMENTAÇÃO DENTRO DA FESTA DE REIS (MINAS GERAIS)

**Ana Beatriz Giorno
Nelson Vilmar Andrade Miranda**

As práticas cotidianas têm sido um tema que vem tomando a atenção da historiografia moderna desde o século XX, quando os Annales propõem novas formas de escrever e estudar a História. A ciência toma um novo rumo e passa a voltar suas análises não mais aos fenômenos extraordinários, mas sim àquilo que figura as práticas dos indivíduos ordinariamente. Partindo das análises do cotidiano podemos eleger uma, que por sua vez figura uma das práticas mais características e inerentes ao ser humano: a alimentação.

É um fato e uma necessidade vital humana o ato de alimentar-se, em todas as culturas e etnias, invariavelmente a alimentação faz parte do cotidiano dos indivíduos. Além de caracterizar uma necessidade biológica humana, comer é um ato social (Santos, 2005), pois o ato de comer está carregado de uma série de fatores sociais, econômicos, tradicionais, e também à uma série de usos, costumes e convenções que ditam, entre outros fatores, os modos de determinada sociedade. Além disso, o que determinada sociedade come, diz muito sobre ela própria e sobre suas convenções.

Se o gosto está inteiramente ligado à cultura, a comida, e por conseguinte o ato de comer, figuram práticas culturais em seus diferentes aspectos:

(...) Comida é cultura quando produzida, porque o homem não utiliza apenas o que encontra na natureza (como fazem todas as outras espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo a atividade de produção à de predação. Comida é cultura quando preparada, porque uma vez adquiridos os produtos base da sua alimentação, o homem os transforma mediante o uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas da cozinha. Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gosto, quanto a valores simbólicos de que a própria comida se reveste. Por meio de tais, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la. (Montanari, 2009, p. 16)

Esta breve explanação de Montanari, sobre a comida como cultura nos sugere muito e nos leva a refletir sobre a comida como modo de manifestação cultural, sendo inclusive uma das manifestações culturais mais significativas das sociedades. Isto posto, é possível apontar a comida como um elemento que, per si, figura uma forma de manifestação cultural, mas que também pode ser um componente de outros modos, ou seja, que é coadjuvante perante às práticas centrais, mas que em nada perde sua relevância.

Partindo destes pressupostos, voltaremos nossa análise para as especificidades culturais regionais dentro do Brasil, com o objetivo de identificar os espaços ocupados pela alimentação dentro das festas populares religiosas. A partir disso analisaremos a Folia de Reis, uma das festas populares de cunho religioso que tem forte presença na região Sudeste do Brasil, mais especificamente no estado de Minas Gerais. É importante salientar que o estado de Minas Gerais configurará o recorte espacial a ser analisado neste trabalho. No tocante à temporalidade, a fonte não apresenta informações suficientes para se afirmar com precisão, no entanto é possível arguir que se refira aos fins da década de 1950 e início da década de 1960.

Primeiramente é necessário explorar um pouco da característica folclórica desta festa. Segundo a tradição canônica, a Festa de Reis celebra a chegada dos três Reis Magos em visita e adoração ao menino Jesus recém-nascido. A Festa de Reis é celebrada tradicionalmente no dia 06 de janeiro, portanto 12 dias após a celebração do Natal. Segundo Martins Filho e Rêgo Souza (2015), a festa teria se popularizado na Península Ibérica durante o período medieval, mais especificamente por volta de meados do século XIII, e era celebrada quase como um “segundo Natal” - ou um desdobramento o Natal - onde os festejantes trocavam presentes, entoavam cânticos e danças típicas natalinas.

A Festa de Reis chega ao Brasil por intermédio dos jesuítas portugueses, por volta de 1534. Os jesuítas que tradicionalmente já festejavam a solenidade, utilizaram-se dela como ferramenta na catequização indígena (Tinhorão, 2000). Desta forma a celebração aos Reis Magos ganhou popularidade pelos sertões do Brasil, primeiramente sendo disseminada aos convertidos indígenas, e depois sendo ensinada aos africanos escravizados.

(...). Consequentemente, graças a essa confluência de culturas – a portuguesa, a indígena e a africana – a Folia de Reis brasileira adotou características singulares em relação à sua ancestral europeia, sobretudo por conta da sua miscigenação com os elementos da cultura local – ainda que esta estivesse em fase de gestação. Composta pelas mais diferentes etnias, a Folia de Reis brasileira logo adquiriu um aspecto regionalista, com pequenas variações quanto ao estilo, ao ritmo e ao som. Como seu núcleo de crença, contudo, manteve-se a devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e, de modo particular, aos Reis Magos. (Martins Filho e Rego Souza, 2015, p. 85)

O sincretismo resultante da confluência cultural, deu a Festa de Reis o seu caráter popular, desvincilhando-se dos parâmetros cristãos canônicos herdados da tradição ibérica, e dando lugar às interpretações populares da tradição. São frutíferas as discussões referentes ao catolicismo popular e as interpretações da religião pelo “populacho”, pois aí são mesclados fragmentos de fé canônica com um misticismo e superstições muito próprias dos indivíduos habitantes do interior brasileiro (Rosado-Nunes, 2003). Martins Filho e Rêgo Souza (2015), ressaltam que o sincretismo presente na Festa Reis em nada modifica o núcleo da festividade - o culto à Sagrada Família de Nazaré e aos Reis Magos - ao contrário, só o enriquecem.

Partindo da perspectiva da história oral, utilizaremos como fonte o relato de uma testemunha - entrevistada durante o processo de coleta de fontes - que passou a sua infância no estado de Minas Gerais, e vivenciou os festejos. A partir deste relato podemos ter uma ideia de como as celebrações da Festa de Reis eram realizadas em sua comunidade: “Ela começa no dia 25 de dezembro quando os foliões saem com a bandeira de Reis e vão cantando de casa em casa e aí eles vão angariando donativos também para a Festa de Reis (...).”²³

O relato presente nos sugere que dentro da própria festa existia toda uma preparação permeada de uma ritualística muito particular. É possível perceber também a partir do relato, um fator que é intrínseco às solenidades cristãs católicas, que é o estado de preparação. Isto é, no tempo que precede determinada solenidade, estar voltado - mentalmente, fisicamente e espiritualmente - para a reflexão acerca daquilo que está por ser celebrado (Curado e Lobo, 2005). Um exemplo muito comum dentro das celebrações são as novenas, dezenas e trezenas, que são os períodos preparatórios para determinada solenidade. Podemos destacar - também a título de exemplo - os tempos litúrgicos que são seguidos, como o Advento que precede o Natal e a Quaresma que precede a Páscoa, onde os praticantes voltam-se a refletir sobre o significado de sua celebração (Martín, 2022).

O relato ainda nos fornece algo muito importante a ser observado a respeito da festa, o seu caráter comunitário. Segundo a fonte, conforme os foliões realizavam as visitas, de casa em casa, entoando os cânticos e fazendo as orações, também estes arrecadavam os víveres e mantimentos que iriam compor o cardápio da festa em sua data magna.

Como tratava-se de uma comunidade fundamentalmente rural, os artigos que eram oferecidos pelos participantes da festa eram, fundamentalmente, produtos produzidos por eles mesmos em suas propriedades. Novamente sobressalta-se o caráter popular da festa, onde cada um colabora com aquilo que tem à disposição, mas que durante a festa, come de tudo igualmente.

Ao ser entrevistada sobre a Festa de Reis, a testemunha Maria Regina Vargas, relatou mais sobre suas memórias de infância, de quando sua família

23 VARGAS, Maria Regina. Entrevista concedida ao grupo Pet História - Unicentro. Guarapuava, 18 Ago. 2021.

participava desta celebração. A testemunha relata sobre as comidas que eram servidas na sua época.

As comidas são servidas em panelas enormes, antigamente sendo de alumínio, hoje em dia, elas são de plástico. A comida que eles servem durante essa comemoração é: feijão, virado de feijão – contendo torresmo caseiro –, macarrão ao molho de carne moída, salada de batata, frango – frito em fomalhas –, e carne de porco. Na sobremesa, era servido doce de leite, doce de figo, doce de jaracatiá, doce de mamão e de frutas variadas.²⁴

A entrevistada comenta também que o cardápio não varia até hoje e que as comidas servidas são as mesmas no almoço e no jantar. Existe também a disputa entre os festeiros para ver quem faz o melhor virado, o melhor macarrão e assim por diante.

Além disso, são realizadas dentro da festa ações sociais para ajudar as famílias carentes e instituições, Maria Regina conta como a comida ajudava nesse ponto também durante as celebrações. “São feitos doces em latas de vinte litros, e esses doces acabam sendo distribuídos depois para as instituições”.²⁵ Mostrando que a alimentação juntamente com a Festa de Reis, fazem um trabalho conjunto para ajudar a comunidade e as famílias que vivem nela. Ainda nesse mesmo tema, é comentado como cada família da vizinhança/comunidade disponibilizava um prato de comida ou alguma carne como contribuição para a festa.

Quem tinha gado, por exemplo, disponibilizava um carneiro para carrear para aquele dia. Outro tinha bastante galinha e oferecia. O cardápio não varia muito, e aí os doces, quem vai fazer o doce de leite? Geralmente quem tinha mais posses, que tinha vaca leiteira e que tinha dinheiro. [...] O outro tem um pé de figo, faz o doce de figo, aí combina né. Então, porque se não combinar acontece de ter só um doce né, e os que estão em primeira, doce de figo, doce de leite, o doce de jaracatiá que hoje é raro, doce de mamão é muito procurado também. Aí é servido de salgado, biscoito de polvilho e rosca.”²⁶

O relato novamente nos sugere o caráter comunitário da festa, no que tange à alimentação. Ao citar diversas vezes este aspecto a testemunha evoca o quanto este fator lhe marcou, e o quanto ele estava presente dentro da festa. Dentro desta perspectiva podemos adaptar a ideia que Giard (1996) nos apresenta, no que tange às sociabilidades que permeiam os atos de alimentar-se. Pois, analisando a fonte é possível identificar que as relações de sociabilidade que se estabelecem em torno

24 VARGAS, Maria Regina. Entrevista concedida ao grupo Pet História - Unicentro. Guarapuava, 18 de Ago. 2021.

25 VARGAS, Maria Regina. Entrevista concedida ao grupo Pet História - Unicentro. Guarapuava, 18 de Ago. 2021.

26 VARGAS, Maria Regina. Entrevista concedida ao grupo Pet História - Unicentro. Guarapuava, 18 de Ago. 2021.

da alimentação vão muito além do ato de comer, perpassam pela arrecadação dos alimentos, que no dia do festejo, serão preparados e consumidos por todos.

As relações de comensalidade estabelecidas entre os festejantes é um fator digno de ser observado, Giard (1996) nos aponta que as relações que envolvem os atos de comer estão imbuídas de um forte sentimento de afeto, respeito e amizade. Paralelamente, emerge o elemento religioso da partilha, evocando tanto a Ceia Derradeira quanto a passagem bíblica da multiplicação dos pães e dos peixes, onde todos se satisfazem e ainda sobram excedentes. O ato de partilhar é algo que está muito presente dentro da fé cristã, e estão entremeados de diversos valores, tal qual a solidariedade entre os membros da mesma comunidade, e o ato de servir bem ao próximo.

A partir do relato da entrevistada podemos perceber que apesar de exprimir grande simplicidade, o cardápio da festa era bem diversificado, contando com uma significativa variedade de pratos. A diversidade de doces a base de frutas presente no cardápio, sugerem-nos certa sazonalidade, e, por conseguinte o caráter de extraordinariedade dos pratos, isto é, as comidas que são disponíveis somente em determinada época do ano.

A testemunha em seus relatos reitera a importância que a comida desempenha dentro da Festa de Reis: “(..). É considerado pecado você negar comida a quem chega na Festa de Reis. E esse pecado vai ser punido com uma seca brava, ou com uma doença na sua lavoura ou no seu gado por exemplo. Então todo mundo morre de medo de negar alguma coisa no dia da Festa de Reis.”²⁷

O relato fornecido pela testemunha nos sugere o quanto a festa estava envolta em um grande misticismo, principalmente pelo medo de atrair sobre si algum tipo de maldição. O não seguimento dos parâmetros que regem a festa - como o ato de alimentar os celebrantes ou recebê-los em casa - poderiam, de alguma forma, ofender aos santos que estavam sendo celebrados, e por tal acarretar sua “ira” sobre a comunidade. Esta crença explica a necessidade de haver fartura nas comemorações, bem como eloquentes festejos.

Se existe o medo da maldição ao redor da festa, existe também a busca de graças e milagres. Segundo Martins Filho e Rêgo Souza (2015), a promoção da festa era coletiva, mas contava com interesses pessoais daqueles que a promoviam, como forma de pedir bênçãos - ou por elas agradecer - os fiéis se ofereciam para organizar, ou custear de alguma forma o festejo. Pois segundo a crença, é necessário oferecer os préstimos como sacrifício, em nome do milagre esperado. Oferecer a Festa como forma de pedir algum milagre é algo muito próprio do cristianismo popular, primeiramente pela crença dos fiéis de estar agradando aos santos com seus louvores, e torná-los benevolentes frente aos seus pedidos. Em

27 VARGAS, Maria Regina. Entrevista concedida ao grupo Pet História - Unicentro. Guarapuava, 18 de Ago. 2021.

segundo lugar, os fiéis também acreditam estar contando com as orações conjuntas de seus confrades como auxílio na busca da graça (Martín, 2022).

Encaminhando-nos para conclusão desta análise podemos pontuar alguns elementos que se sobressaíram na exploração do tema. Ao analisar os relatos da testemunha podemos observar o quanto as memórias afetivas estão arraigadas em sua narrativa, e o quanto as memórias sobre a festa ainda estão vívidas em si. Novamente recorremos a Giard (1996) para explicar o peso com que as memórias afetivas são construídas e modeladas nitidamente, quando estão relacionadas às comemorações, e por conseguinte a alimentação. Dentro da festa a comida desempenha um papel importante, trazendo à tona as discussões de Montanari (2009), foi possível perceber o modo como a comida exerceu o seu papel como cultura, e conseqüentemente fez parte do culto religioso. Para concluir, podemos afirmar que os debates envolvendo os temas aqui tratados - religiosidade popular, alimentação, cultura - são ainda muito frutíferos e amplos, e são circundados ainda por uma miríade de elementos que podem nutrir discussões ainda mais aprofundadas.

REFERÊNCIAS

CURADO, João Guilherme; LOBO, Tereza Caroline. HERANÇA IBÉRICA NA AMÉRICA LATINA: AS PROCISSÕES CATÓLICAS DE PIRENÓPOLIS-GOÍÁS. *X Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)-Por uma Geografia Latino-Americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade*. São Paulo: USP, p. 3904-3916, 2005.

GIARD, Luce. Artes de nutrir. IN: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. A FOLIA DE REIS NO HORIZONTE DA FESTA: INTRODUÇÃO A UMA ETNOGRAFIA. V *Simpósio Internacional de Musicologia*, 2015.

MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. Editora Vozes, 2022.

MONTANARI, Massimo; LIMA, Maria de Fátima Farias de. O gosto é um produto cultural. IN: MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. 2009.

ROSADO-NUNES, Maria José. *Mulheres, raça e cristianismo popular no Brasil*. 2003.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. IN: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005. Editora UFPR.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. Editora 34, 2000.